

RESENHAS

ADORNO, Theodor W. **Emancipação e Educação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

Sinésio Ferraz Bueno*

Através da tradução de Wolfgang Leo Maar, o público brasileiro pode agora ter acesso à coletânea *Educação e Emancipação*, do filósofo alemão Adorno. São textos originados de palestras e debates promovidos entre 1959 e 1969, a maioria deles apresentados na Rádio de Hessen.

Trata-se de um lançamento muito oportuno, especialmente para aqueles leitores que tendem ao desânimo diante das dificuldades oferecidas por textos tão indispensáveis quanto difíceis, como é o caso da *Dialética do Esclarecimento*, e de *Minima Moralia*. Em *Educação e Emancipação*, é possível conhecer um Adorno menos formal e muito mais claro, mas nem por isso desprovido de um aguçado senso crítico, amparado em seu habilidoso olhar dialético sobre o mundo.

Os oito textos desta coletânea articulam-se em torno de três temas geradores, constantemente presentes nas reflexões de Adorno.

1) **A Personalidade Autoritária**. Em alguns textos de *Educação e Emancipação* são nitidos os ecos de *A Personalidade Autoritária*, de 1950, obra resultante de pesquisa coletiva conduzida juntamente com Horkheimer, a respeito da personalidade fascista. Ao analisar o contexto político alemão do pós-guerra, Adorno registra com indignação a resistência da população em relação aos pressupostos da democracia. O sintoma mais significativo desse tipo de comportamento reside na sobrevivência de pensamentos e atitudes fascistas no interior da sociedade democrática. Adorno localiza traços do comportamento fascista tanto na indiferença ao pensamento crítico por parte de candidatos à docência em escolas superiores alemãs, que limitavam-se a decorar os itens do exame, quanto na consciência reificada dos consumidores frente ao progresso tecnológico. O desprezo pela reflexão, bem como o superinvestimento narcísico nos objetos da tecnologia são sinais de um ego fraco, predisposto ao conformismo político. A renúncia ao pensamento e a adesão apaixonada à fetichização da técnica espelham a negação da autonomia enquanto meio para a convivência democrática. As

* Doutorando em Educação na FEUSP

pessoas, cujo ego fragilizado anseia desesperadamente pela identificação com grandes coletivos, *conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam de seu próprio eu* (p.43).

Permanecendo, portanto, fiel à temática central da Teoria Crítica, Adorno conceitua a personalidade autoritária em termos de um fenômeno subjacente tanto ao nazismo, como à sociedade democrática, uma vez que nesta permanecem presentes os comportamentos unidimensionais.

2) **Psicanálise e Emancipação.** Articulada à reflexão sobre a personalidade autoritária, está a valorização da psicanálise, principalmente como recurso terapêutico para a produção de sujeitos emancipados. Ao comentar o viés anti-semita da personalidade autoritária, no caso específico da sociedade alemã, Adorno enfatiza a grande pertinência da psicanálise no sentido de produzir a autoconsciência crítica, único meio que poderia impedir a repetição do holocausto. No encaminhamento da autonomia psíquica, via psicanálise, Adorno destaca a contribuição mais importante trazida por Freud: a necessidade da conscientização, por parte do sujeito, sobre as tendências anticivilizatórias nele introjetadas através do próprio processo civilizatório. Ou seja, para que a emancipação seja possível, é imperioso que o mal-estar na civilização não seja uma ameaça desconhecida pelo próprio sujeito. O imperativo de pacificação da humanidade, através da neutralização das tendências agressivas, não implica, contudo, a produção de seres inofensivos e passivos. *Ao contrário: esta passividade inofensiva constitui ela própria, provavelmente apenas uma forma de barbárie, na medida em que está pronta para contemplar o horror e se omitir no momento decisivo* (p. 164).

3) **Educação e Emancipação.** A desbarbarização, ou seja, a autonomia sobre o mal-estar na civilização, é abordada como a questão mais essencial da própria educação. A consciência a respeito da presença de uma agressividade primitiva, um impulso de destruição secretamente presente mesmo na civilização tecnologicamente desenvolvida, é tão importante que Adorno não hesita em declarar: *considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os objetivos educacionais por esta prioridade* (p. 155). É em função dessa esperança que ele escreveu o texto que talvez seja o mais célebre da coletânea: *Educação após Auschwitz*. Nesse texto, Adorno define brevemente o que seria a emancipação: *O único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria a autonomia, para usar a expressão kantiana: o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não participação* (p. 125).

Ao mesmo tempo em que lança um manifesto que ele mesmo define como desesperado a favor de uma educação emancipadora, Adorno aponta as enormes dificuldades que se erguem contra esse imperativo. A

começar pelos próprios professores, que somente se entregam à carreira do magistério por falta de melhores opções. Na Alemanha, a escolha do magistério traz consigo um caráter depreciativo, denotando alguém que não demonstra as habilidades superiores requeridas por carreiras como a advocacia e a medicina. Além dessa constatação desanimadora, Adorno lamenta também a ausência de uma postura decisiva em relação à emancipação por parte dos pedagogos.

O conjunto dos textos de *Educação e Emancipação* aponta, portanto, para a necessidade de horizontes humanistas no campo educativo. A esse respeito, vale a pena destacar duas questões que, inseridas na problemática que Habermas, designam como a intromissão dos padrões instrumentais na esfera do *mundo vivido* merecem uma reflexão mais atenta da parte dos educadores.

Em primeiro lugar, a leitura de *Educação e Emancipação* é muito importante para os educadores brasileiros, especialmente aqueles que se entusiasmam muito facilmente com os objetivos instrumentais da Qualidade Total. Reduzir a educação à satisfação dos interesses de pais e alunos, entendidos como clientes, não seria privá-la de conteúdos emancipadores?

Em segundo lugar, trata-se de uma obra que aparece como muito pertinente nos tempos atuais, quando prevalece o fascínio pelas novidades tecnológicas que rapidamente assumem o nível do fetiche, como é o caso da Internet. A esse respeito, Adorno comenta uma das configurações mais assustadoras do mal-estar na civilização:

É possível falar da claustrofobia das pessoas no mundo administrado, um sentimento de encontrar-se enclausurado numa situação cada vez mais socializada, como uma rede densamente interconectada. Quanto mais densa é a rede, mais se procura escapar, ao mesmo tempo em que precisamente a sua densidade impede a saída. Isto aumenta a raiva contra a civilização. Esta se torna alvo de uma rebelião violenta e irracional (p. 122).

Dá o que pensar...